

O FUTEBOL

No Brasil, observam-se alguns fatos: torcedores crêem já não existir o amor dos jogadores pela camisa, nossos clubes ostentam uma propaganda comercial explícita, sugerindo, até mesmo, a adoção de estratégias empresariais; atletas brasileiros atuam no exterior, obedecendo a esquemas táticos dissonantes da nossa tradição esportiva, os estádios não lotam, mesmo em finais clássicas. E o "país do futebol" há anos não vence uma copa mundial. É a morte do futebol-arte? O futebol consegue permanecer como um elemento identificador de nossa cultura popular?

José Sebastião Witter IEB/USP

São duas perguntas vinculadas a uma mesma paixão: "O Futebol". Começo pela segunda, que se refere ao futebol como identificador de nossa cultura popular, questionando o que identifica o Brasil, popularmente, nestes últimos quinze ou vinte anos? Costumava-se dizer que o Brasil era futebol, carnaval (samba), mulata e cachaça de alambique... Símbolos incontestes de nossa brasilidade... Será que hoje podemos ainda dizer que existem mulatas autênticas, carnaval e samba sem sotaque e futebol com nossa malandragem? O que me parece que vem acontecendo é a descaracterização lenta e gradual de tudo que era brasilidade... Nem a língua é nossa, pois nos entregamos aos "jeans", aos "rocks". Deixamos de ter caipirinha (pinga com limão), para beber "caipiríssima" (limão com vodka) e assim por diante. Poderíamos caminhar por um vasto "campo" de análise e discutir, de fato, a cultura brasileira.

Mas, façamos juntos o recorte pedido e vamos tentar discutir o problema do nosso (pobre) futebol. De longa data deixei de ver o Brasil como o "país do futebol", pois o futebol é hoje, e desde algum tempo, sem dúvida, uma paixão planetária. Não há mais exclusividades nacionais: ele nasceu bretão, viajou pela Europa, ganhou a América, teve no Brasil um marco e visita agora a África e o oriente, onde o Japão começa a ser a nova Meca dos "jogadores de bola". Fique claro, por isso, que o futebol é do mundo... Não é exclusividade de nenhum país nem de nenhuma comunidade... transcende barreiras políticas e até mesmo ideologias. E isto desde sempre, apesar dos políticos... Pensamos aqui não só nos "cartolas", mas até na orientação diplomática de tempos atrás. Ousaria

dizer que, para o Futebol, nunca houve “muros de Berlim”... Sem caminhar por outra longa discussão é preciso repetir que o Futebol é uma paixão planetária... com os acentos lingüísticos de cada região e com a marca registrada de cada povo... O que nos fez, brasileiros, sempre diferentes, foi a própria característica da malandragem e da ginga, gingada ao som do samba molemolente... O nosso estilo “bem brasileiro” impôs mudanças no mundo todo e foram os nossos adversários sempre obrigados a criar novas táticas para evitar maiores derrotas. E aqui entra aquilo que dizem ser o “futebol-arte”. Assim caminhamos até o espetáculo incomparável do terceiro campeonato ganho por nossa seleção em 1970. (Foi o terceiro e não o tri. Para ter a denominação de tri-campeão deveria ganhar 3 vezes consecutivas — houve a interrupção de 1966). E pela primeira vez vimos, pelo milagre da televisão, o jogo ao vivo, direto, na hora que acontecia. Não precisávamos imaginar o espetáculo... viamos o espetáculo. Era o avanço tecnológico a aumentar a paixão e até “fazer esquecer” o momento histórico crítico que vivíamos... Mesmo aqueles que, como eu, pensávamos em torcer contra a seleção por questões ideológicas, acabava por se render à magia dos “craques” que compunham aquela inesquecível “orquestra” que só apresentou grandes e inesquecíveis concertos nos palcos verdes da cidade do México.

De então para cá esquecemos o que é “jogar bola”, abstraímos o “lúdico” do futebol e quisemos nos equiparar ao primeiro mundo, “aprendendo” com a Europa o que fazer para não deixar jogar... (Deixamos de ser Professor com PhD e tudo o mais para sermos alunos reprovados na 3ª série ginásial...). E deu no que deu e está dando o que está dando... Está havendo uma inversão de papéis. O *Futebol Arte* mudou de endereço. .. Não ganhar a copa do mundo por 20 anos nada significaria se continuássemos a “jogar bola”. E sabemos fazê-lo... Basta acompanhar o nosso futebol e ver que ainda temos “craques” e temos times, o que não temos é, de um lado motivação, de outro profissionalismo fora do campo e ainda por outro ângulo organização... E não se deve procurar culpados para que tal fato venha sucedendo... Somos todos um pouco responsáveis desde os “dirigentes” até o torcedor...

O “futebol-arte”, para continuar com um dos temas propostos, não acabou em lugar nenhum do mundo... Muito menos no Brasil. Pode estar adormecido, com falta de bons praticantes, sem “gente” que descubra onde ele está escondido... Mas a verdade é que podemos assisti-lo pela TV, no campeonato italiano; podemos encontrá-lo nos incontáveis campeonatos disputados em todas as cidades brasileiras, tenham elas 3.000, 50.000 ou milhões de habitantes. Basta parar e pensar quantas bolas rolam nos fins de semana em tantos campinhos ou em grandes estádios no Brasil de norte a sul...

E para que esse “futebol-arte” continue a nos encantar não são necessárias alterações nas regras do jogo ou a divisão do jogo de futebol em 4 tempos, como querem as TVs americanas (com intuítos puramente comerciais) para o campeonato do mundo de 1994 ou que a dimensão do gol seja alterada... É preciso só “jogar bola”, com ginga e jeito, com amor e malandragem, acima de tudo com amor à camisa. E nada disso se perdeu no espírito do esportista e do torcedor. Porque o futebol é um jogo social, que congrega até os adversários. Isto porque são adversários e não inimigos. E embora sejam usados muitos termos militares e seja o jogo identificado com a guerra, ele acabou por ser uma representação e é acima de tudo um encontro. Assim são classificados. São de fato: encontros esportivos, que acabam por se constituir em encontros de indivíduos e de indivíduos com o mundo. Por isso o espírito do esportista-torcedor prevalece e permanece e o futebol, com altos e baixos, continua a encantar. E apesar do chamado anti-

jogo. o “esporte-rei” continua a ter “engenho e arte”, nos pés dos craques. Está se perdendo sim entre os dirigentes (de clubes ou federações) que confundem seus papéis. Isto pensando no que ocorre no Brasil...

Tomemos, como exemplo, o que se passa e se passou em outros esportes como o vôlei e o basquete, em nosso país. À falta de melhor compreensão do que significa patrocínio, os clubes acabaram não incorporando a subvenção de empresas e estas criaram os seus próprios elencos... E o que aconteceu? Em vez de termos o Pinheiros, o Sírio, o Paulistano, o Guarani, a Ponte Preta, o Atlético Mineiro, o Flamengo, etc, etc, disputando os campeonatos nacionais e internacionais dessas modalidades (com o patrocínio da Cica, Perdigão, Mesbla, Mappin, etc, etc) temos, a cada ano, um novo clube (?) como Perdigão-Divino, ou Cica, ou Banespa, ou BCN, ou ..., ou...

É preciso adaptar-se às mudanças aceitando profissionalmente a colaboração de empresas interessadas em diferentes modalidades de esporte. Não se pode viver nostálgicamente do passado. É preciso, no entanto, conhecer a História e com ela construir o futuro, fortalecendo o presente. A História do Futebol Arte no Brasil aí está para ser conhecida e de seu conhecimento reviver o que perdemos sem, no entanto, querer que o passado volte com a realidade de então.

Por isso podemos concordar com as mudanças e as necessidades da ordem social-econômica atual, sem, no entanto, aceitar o nome de um produto multinacional na camisa da “Seleção Canarinho”... É a confusão, o preconceito, a falta de discernimento que acabam por complicar o simples, e, futebol é o “jogo da simplicidade”. E a simplicidade é o forte da verdadeira arte.

PARA O SECRETÁRIO AVALIAR O TEXTO E APROVAR
OU NÃO APROVAR O COMENTÁRIO SOBRE O FUTEBOL

Juarez Soares

Secretário de Esportes do Município de São Paulo

Existem falhas. O futebol necessita principalmente de organização e — o mais importante — um calendário. Sem um calendário decente parece difícil ou quase impossível organizar grandes jogos que chamem mais a atenção dos torcedores. Hoje em dia, o torcedor encontra dificuldade até para entender o regulamento dos campeonatos, quando este deveria ser feito de forma simples e direta, como na Europa, por exemplo, onde os pontos corridos, como é o badalado campeonato italiano, facilitam a compreensão da torcida.

Outros detalhes devem e precisam ser avaliados no momento em que se procura a causa para os estádios vazios. Claro que o campeonato mal-elaborado, com jogos em cima de jogos tira um pouco o entusiasmo do torcedor. É necessário que se avalie

também a condição sócio-econômica daquele que vai ao estádio. O espetáculo não é barato. Além do ingresso, o torcedor desembolsa também boa quantia para comprar um sanduíche ou um refrigerante. E se não bastassem estas despesas, há ainda o problema da locomoção. A condução para os estádios geralmente não é fácil sem falar que não existem estacionamentos seguros, que garantam o carro do torcedor. São fatores que ajudam a afastar o público dos estádios? Claro que são. Pesam na balança. Outra causa que afasta o torcedor é a violência. Nos últimos tempos, muitos adeptos do futebol deixaram de comparecer aos estádios exatamente por falta de segurança. Há a necessidade de uma conscientização profunda de que o esporte é lazer e que, por isso, o torcedor deve comparecer com espírito de festa e não para brigar. Claro que existem outras causas que inibem e afastam o torcedor do estádio e também deixam o País numa fila de 20 anos sem vencer uma Copa do Mundo: a falta de grandes talentos, embora o Brasil ainda seja um celeiro de craques. Mas não é como antigamente, quando apareciam os verdadeiros fora-de-série, craques na acepção do termo. E hoje em dia os melhores que temos saem do Brasil, incentivados por uma legislação que precisa ser revista. A saída pode ser a transformação dos clubes em Sociedade Anônima? Pode ser. Afinal, o futebol vive em regime profissional. Na Europa já é assim. E com sucesso. Os clubes são dirigidos por empresas que sustentam contratações milionárias. Os dirigentes são empresários de verdade, enquanto o Brasil peca pelo amadorismo. A partir do momento em que o futebol for tratado com mais seriedade, dando principalmente respaldo ao torcedor, com lugares numerados nos estádios, boas toaletes e segurança no estacionamento, como já acontece em outros países, os estádios ficarão lotados novamente. Mas, insisto, o bom calendário é a base do sucesso. Não se pode exigir, como acontece atualmente que os estádios fiquem lotados, com jogos em três dias da semana. Muitas destas partidas, inclusive, perdem a importância que poderiam ter. Quanto ao marketing, pode ser a saída no regime profissional, mas entendemos que primeiro os dirigentes deveriam valorizar as equipes de base, dar conforto aos torcedores e exigir um calendário decente para os campeonatos. O resto é consequência, uma coisa puxa a outra. Ai, com certeza, o Brasil terá chance de reclamar de volta o apelido de "*país do futebol*".

CARTOLAGEM: O GAFANHOTO NA ROÇA DO FUTEBOL BRASILEIRO
OU UM JOGO ATÉ PODE SER UMA PEDREIRA; UM TIME NÃO

Rodolpho Telarolli
11-09-1990

Juro pela alma de Pablo Argentino, (modéstia à parte, meu pai), que eu via pelas ondas do possante Westinghouse, entre uma estática e outra, as embaixadas de Dino, o "Pavão", as filigranas de Servilio, o "Bailarino", as viradas mortais do mago Teleco, e até sentia o cheiro da grama mascada pelos cravos das bicancas desses negros demônios nas tardes domingueiras dos 40, nos primórdios do já cinquentenário Pacaembu.

Tantos anos se passaram e eu desisti de aprender a não mais sofrer com a perda de uma decisiva para o tal de São Paulo, ou mesmo para esse Bragantino, como aconteceu agora. E me recorro de pensar: "Que desperdício! Tamanha festa para tão poucos convivas!". Por bons dias guardo luto fechado: não vejo jornal, não ligo rádio nem TV, não atendo o telefone e só saio de casa para o inevitável.

Eu sim, "seu" Matheus, tenho o direito de dar livre vazão a esta paixão maluca, porque nunca me meti a presidente dessa grande nação corinthiana, que já foi de Alfredo Trindade, de Wadih Helou (que Deus nos guarde), mais recentemente de Adilson Monteiro Alves (há sinceridade nessa democracia?), tem sido desde os idos de 50 e ainda hoje é de Vicente Matheus, que toca o time como quem dirige a pedreira de sua propriedade.

Não estou particularizando o assunto, não. Poderia começar falando de Charuto do S.P.R., de Oberdan Catani, do Palestra Itália, de Remo, do São Paulo, de Patesco, do Botafogo, de Perácio, do Flamengo, de Cafunga, do Atlético de Minas... Mas é que além do gosto que tenho de falar sempre que posso do Corinthians, no esquadrão mosqueiteiro se reproduzem, talvez mais do que em qualquer outra agremiação, as patuscadas que fazem do futebol brasileiro essa desdita.

É que Vicente Matheus, folclore à parte, é um bem acabado exemplar desse espécime predominante de dirigente: o cartola amadorista, em duas principais nuanças 1) o que mescla paixão pelo clube e desmedida vaidade pessoal (esta sempre maior do que aquela, como é o caso de Matheus); 2) o cacique oportunista que faz do clube a sela para o usufruto de proveitos pessoais, em especial o carreirismo político.

É o cartola a grande praga, o gafanhoto na roça do futebol brasileiro. Através de uma legislação arcaica e permissiva, grupos se perpetuam no comando das agremiações, que são forças míticas quase religiosas, em torno das quais se congrega de modo espontâneo (ah! que diferença dos partidos políticos!) a quase totalidade da população, aglutinada pela argamassa da paixão sublime e fervorosa devoção, sem distinção de cor, credo, sexo, classe, idade. São reais sentimentos de fraternidade que envolvem a torcida comprimida nas gerais, mesmo que — e até por isso — separada da adversária pelo cordão policial.

De cabo a rabo o dirigente retrógrado está avassaladoramente em tudo: no comando dos clubes, das federações, integrando os órgãos colegiados, os tribunais (que tragédia a justiça esportiva!), as confederações, tudo em mãos desses fósseis que dormem o sono da eternidade e cada vez ficam mais distantes da realidade que é o profissionalismo esportivo.

Todas as mazelas derivam dessa obtusidade do dirigente: voto unitário que iguala no poder das decisões grandes e infimos clubes; iníqua lei do passe; marginalização eleitoral de torcedores e associados em benefício de carcomidos conselheiros vitalícios; violência fora e dentro das quatro linhas; tribunais de justiça e conselhos de árbitros, covis integrados por quadros clubísticos; caciquismo político e oportunismo eleitoral; pressão sobre árbitros antes e durante a partida (quem não se lembra ainda do despudor do Governador Natel, "cardeal sampaulino", no gramado, "assistindo" a uma decisão de São Paulo e Palmeiras, no banco de reservas?); o êxodo inevitável e os dólares que se esfumam; rivalidades regionalistas (30 anos após Brasília a CBF ainda está sediada no Rio); batalhas no tapetão; ausência do sistema de pontos corridos em benefício de fórmulas mistificadamente complexas.

E por aí vai, mas nada que mentalidades consentâneas com o seu tempo não consigam corrigir.

No futebol profissional nada há de mal em "propaganda comercial explícita" e "estratégias empresariais". O diabo é que o futebol não é uma ilha imune aos ares pestilentos do continente, e as estratégias empresariais vigentes na ilha não reproduzem mais do que a mentalidade tosca da maior parte do empresariado do continente.

No que toca ao clube, o gerente não haverá de ser um estranho. Inevitavelmente será sempre um torcedor, mas o que se exige dele é que tenha equilíbrio e seriedade que o coloquem fora do jugo da paixão, mola cega propulsora tanto do doce delírio quanto da cólera surda, a que só o torcedor tem o direito de se entregar.

O decantado "futebol-arte" é conversa de quem não acompanha o cotidiano do esporte, daqueles que sem paixão, sem "frisson", deleitam-se diante da TV somente durante os jogos da Copa do Mundo. O torcedor de verdade vai ao delírio se a vitória vier com arte. Mas, como futebol é paixão, estará também feliz se acontecer um 1 x 0 num gol duvidoso, sob domínio do adversário, porque o que vale não é competir, mas ganhar. De resto, o futebol arte só existe quando uma ocasional conjunção de circunstâncias reúne numa mesma geografia e num mesmo tempo, uma pluralidade incomum de talentos, como o ocorrido com o Brasil em 1950, 1958 e 1970, não obstante a desqualificação dos nossos dirigentes.

Mudanças estruturais profundas tornarão a lotar os estádios. Da adequação do espetáculo aos interesses da televisão e a outros do universo dos negócios, do intercâmbio internacional, do natural aperfeiçoamento da prática esportiva e de outros fatores, decorrerão, como têm decorrido, alterações no estilo do futebol nacional, o que não afeta a sua condição de um dos elementos identificadores da cultura popular.